

A Influência das Brincadeiras na Recuperação de Crianças Hospitalizadas: uma revisão de literatura

Silva P. F, Santos C.C.G, Filipini S. M

Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Ciências da Saúde, Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova
São José dos Campos, SP, primoratto@hotmail.com

Resumo- No contexto hospitalar muitas vezes a brincadeira é esquecida, mas é importante demonstrar, que apesar das adversidades, é possível realizar atividades que promovam a humanização do atendimento. A presente pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica, nas bibliotecas *on-line*: *Lilacs*, *BVS*, *Scielo*, visando analisar como as atividades lúdicas atuam na recuperação da saúde da criança. Realizou-se uma busca do tema proposto, através dos seguintes descritores: brincadeiras, criança hospitalizada, atividade lúdica, no período de 2001 a 2011. Foram encontrados 45 artigos, sendo 19 destes utilizados para pesquisa. Dentre os trabalhos analisados, a utilização do brinquedo terapêutico, o contar histórias e dramatizações foram às atividades lúdicas com maior ênfase. Todas se mostraram de forma positiva, conquistando a confiança da criança hospitalizada e minimizando possíveis traumas. Conclui-se que a atividade lúdica, se torna um instrumento facilitador, o qual estabelece um elo de segurança entre a criança e a equipe de enfermagem, diminuindo o estresse e criando um ambiente humanizado.

Palavras-chave: Brincadeiras;, Criança Hospitalizada, Atividade Lúdica.

Área do Conhecimento: Enfermagem

Introdução

A doença e a hospitalização com frequência constituem as primeiras crises com as quais as crianças se deparam por estarem vulneráveis, e nessas situações as crianças possuem um número limitado de mecanismos de enfrentamento para resolver esses estressores. (WHALEY & WONG, 2006).

As brincadeiras auxiliam na revelação de sentimentos através de comportamentos expressos. Estas atividades buscam relacionar as brincadeiras com o que está acontecendo com a criança naquele momento (CARVALHO; BEGNIS, 2006). No Brasil tem-se como obrigatoriedade a presença da brinquedoteca dentro da instituição conforme a Lei nº 11.104, de 21/03/2005 (BRASIL, 2005), onde são utilizados brinquedos e realizadas atividades visando à melhor resposta na recuperação das crianças (FROTA et al., 2007).

A utilização de brincadeiras no hospital começou a ter relevância com o médico americano Patch Adams, que insere dentro do contexto hospitalar não só um projeto de brincadeiras e promoção do bem estar, mas também o cuidado com humanidade e amor.No Brasil existem grupos como: "Doutores da Alegria", "Companhia do Riso" e os "Griots", que têm seus nomes inspirados nos contadores de história africanos, levando histórias e carinho aos hospitalizados (MOTTA; ENUMO, 2002).

Segundo Leite e Shimo (2007) existem dois tipos de brinquedo, o brinquedo terapêutico e o brinquedo normativo. Kiche e Almeida (2009) relataram que após a aplicação de seu trabalho com brinquedo terapêutico, as crianças se tornaram colaborativas com melhora na expressão facial e outras reações positivas para a facilitação do tratamento. A presente pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica, analisando como as atividades lúdicas atuam no tratamento e recuperação da saúde da criança.

Metodologia

Esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo, realizando uma revisão e análise bibliográfica nas bibliotecas *on-line*: *Lilacs*, *BVS*, *Scielo*, visando analisar se as atividades lúdicas atuam de maneira benéfica na recuperação da saúde da criança. Para esta foram utilizados os seguintes descritores: brincadeiras, criança hospitalizada, atividade lúdica, entre o período de 2001 a 2011.

Resultados

Após a busca foram encontrados 45 artigos, 19 destes foram utilizados para compor esta pesquisa conforme tabela 1.

Tabela 1- Artigos utilizados para revisão.

No	Título	Autor/es	Ano Pub.			
1	Protocolo de Preparo da Criança Pré-Escolar Para Punção Venosa, com Utilização do Brinquedo Terapêutico	Martins et al.	2001		Humanização do Cuidado de Crianças Hospitalizadas.	
2	Brincar no Hospital: Estratégia de Enfrentamento da Hospitalização Infantil	Alessandra B. Motta; Sônia R. F. Enumo.	2002	12	O brinquedo no hospital: uma análise da produção acadêmica dos enfermeiros brasileiros	Tânia M. C. Leite; Antonieta K. K. Shimo. 2007
3	Biblioterapia Para Crianças Internadas No Hospital Universitário Da UFSC: Uma Experiência	Clarice Fortkamp Caldin	2002	13	Brinquedos em uma brinquedoteca: um perigo real?	Freitas et al. 2007
4	A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde.	Rosa M. A. Mitre; Romeu Gomes	2003	14	O impacto da atividade lúdica sobre o bem-estar de crianças hospitalizadas	Claudia Mussa, Fani Eta Korn Malerbi 2008
5	A criança hospitalizada, a cirurgia e o brinquedo terapêutico: uma reflexão para enfermagem.	Silvana M. Schmitz, Marister Piccoli, Claudia S. Viera.	2003	15	Brinquedo terapêutico no preparo da criança para punção venosa em pronto socorro.	Medeiros et al. 2009
6	O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico	Circéa Amália Ribeiro, Margareth Angelo.	2004	16	As atividades expressivas e recreativas em crianças com fissura labiopalatina hospitalizadas: visão dos familiares	Márcia C. A. Fernandes Moraes; Maria J. M. B. Buffa; Telma F. G. Motti 2009
7	A Higienização dos Brinquedos no Ambiente Hospitalar	Maria F. dos S. Cardoso Luci Corrêa Ana Carolina T. Medeiros	2005	17	As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica.	Brito et al. 2009
8	Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas	Alysson Massote Carvalho; Juliana Giosa Begnis.	2006	18	Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças.	Mariana Toni Kiche, Fabiane de Amorim Almeida. 2009
9	A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais.	Rosa Maria de Araújo Mitre; Romeu Gomes	2006	19	A Brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial.	Luciana de L. Melo, Elizabeth R. M. do Valle. 2010
10	Diversão em movimento: um projeto lúdico para crianças hospitalizadas no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Materno Infantil Prof. Fernando Figueira, IMIP	Pedrosa et al.	2007			
11	O Lúdico Como Instrumento Facilitador na	Frota et al.	2007			

Discussão

Os autores pesquisados que descrevem a brincadeira no contexto hospitalar como Martins et al.(2001), relatam ser esta a forma mais natural de autoterapia que a criança dispõe.

A criança ao ser hospitalizada passa por muitos momentos de dor, medo e limitações físicas, Mitre e Gomes (2003), Schmitz et al. (2003) e Pedrosa et al. (2007), afirmam que para elaborar essa experiência no âmbito emocional, torna-se necessário que a criança possa dispor de instrumentos de seu domínio e conhecimento que façam parte do seu dia a dia, o brinquedo é o que

melhor se adequa a essa situação, devido a suas várias aplicações.

Segundo Ribeiro e Angelo (2004) a própria hospitalização é vista como uma doença que deve ter o mesmo valor da doença física e também o mesmo cuidado para evitar futuros traumas, os autores Martins et al.(2001), nos afirmam que os efeitos da hospitalização podem ser minimizados, uma das condutas para tal, é permitir que a criança traga para o hospital seus brinquedos e, ainda, que lhe seja dada oportunidade para brincar.

Outra conduta que diminui os malefícios da hospitalização é a promoção de atividades na brinquedoteca, que segundo Melo e Valle (2010), é um lugar com grande expressividade lúdica com vários tipos de brinquedos a disposição, visando o desenvolvimento, criatividade, aprendizagem e socialização.

Já para Kiche e Almeida (2009) o brinquedo exerce as mesmas funções citadas por Melo e Valle(2010), mas são classificadas criteriosamente de acordo com quatro funções terapêuticas: recreação, estimulação, socialização e catarse. A recreação é ligada ao prazer e a distração, a estimulação explora o desenvolvimento motor e sensorial, a socialização liga o lúdico com a realidade e a catarse onde a criança desenvolve atividades que aliviam a tensão e o estresse da situação.

Em grande consenso vários autores como Caldin (2002), Carvalho e Begnis (2006) e Mussa e Malerbi (2008) deixam claro em seu trabalho, que atividades lúdicas aplicadas durante a hospitalização melhoram o lado emocional das crianças, além de promover a interação entre elas, e relatam que até mesmo crianças que gostavam de brincar sozinhas, após as atividades passaram a realizar brincadeiras em grupo, promovendo a socialização.

Caldin (2002), dentro do contexto emocional, cita que dentro das atividades lúdicas a principal função que se observa, é a catártica, ou seja, a pacificação das emoções, podendo ser também exemplificado como a medida certa das emoções, e para tal atividade ser realizada, são necessários instrumentos, Carvalho e Begnis (2006) e Pedrosa et al. (2007) relatam em seus trabalhos que, livros, papéis, lápis de cor, bichinhos emborrachados, jogos de encaixe, jogos de movimento, jogos cognitivos, faz-de-conta, filmes infantis são alguns dos recursos com as crianças exploram e expressão suas emoções.

Mas além dessa função, todas as formas de brincadeiras podem ser utilizadas para diversão e recreação, o autores Moraes et al., (2009) afirmam em seu estudo, que a atividade deve ser escolhida de acordo com a idade, interesses e limitações da criança.

Os autores Pedrosa et al. (2007) em seu trabalho, aderiram a esse método, utilizando as etapas de desenvolvimento propostas por Piaget. Crianças de zero a dois anos escolhem brinquedos de encaixar, e que estimulam o campo visual e auditivo. De dois a doze anos as crianças já relacionam o imaginário com o cotidiano, optando por brinquedos que se parecem com os objetos ao seu redor, jogos que desenvolvam a lógica, a pintura e desenhos também são empregados. A partir dos doze anos preferem livros, jogos de lógica e habilidade.

Entretanto Motta e Enumo (2002) relatam que independente da opção da criança entre os brinquedos ou brincadeiras, o que importa para elas é brincar.

O brinquedo é utilizado como recurso capaz de proporcionar às crianças atividades estimulantes e divertidas, desde que tragam calma e segurança, conforme Motta e Enumo (2002) descrevem em seu trabalho, assim como Frota et al. (2007) relatam que algumas formas de utilizar esse brinquedo são por meio de brincadeiras estruturadas, brinquedos que familiarizem com o ambiente hospitalar, pintar, jogar, ler revistinhas, contando histórias, cantando e dançando e tocando instrumentos.

Carvalho e Begnis (2006) apud o Hart et al. (1992), “uma criança que é capaz de expressar e interpretar seus sentimentos negativos com sucesso, verbalmente ou não, irá mostrar menor impacto psicológico negativo resultante da doença e da internação”.

Assim o trabalho desenvolvido por Brito et al. (2009) demonstra que o brincar opera nos sentimentos negativos, reduzindo a tensão, raiva, frustração, conflito e ansiedade, e funciona como atividade-meio entre a criança e o profissional, pois facilita atingir os objetivos anteriormente estabelecidos.

Dentre os artigos utilizados, o instrumento mas citado e utilizado para as atividades lúdicas exercidas em ambiente hospitalar, foi o brinquedo terapêutico, e segundo Leite e Shimo (2007) este consegue unir o lúdico com o funcional, Kiche e Almeida (2009) citam que é a principal atividade que possibilita a catarse.

Fontes et al.(2010) acrescentam que além de demonstrar o procedimento a ser realizado a criança consegue eliminar a tensão e a desconfiança. Schimitz et al.(2003) e Medeiros et al.(2009), relatam que minimizam os traumas, mas desde que a atividade que esteja sendo realizada seja orientada.

Mitre e Gomes (2006) e Carvalho e Begnis (2006) abordam um fator muito importante, que, para a atividade ter um bom desenvolvimento é necessário que os profissionais que irão desempenhá-la sejam treinados e orientados, para

que se consiga chegar ao resultado esperado que é a desmistificação do procedimento para a criança.

Brito et al. (2009) em seu trabalho deixa claro a importância de um treinamento, e relatam que, a aplicação do brinquedo terapêutico, não é explorada ou os profissionais não são especializados ou conscientes da eficácia do processo, e afirmam que, simplesmente manipulam o brinquedo, o que não demonstra o potencial total da atividade lúdica.

Em seu estudo, Medeiros et al.(2009), trabalham com um nova nomenclatura, passando a chamar o brinquedo terapêutico de brinquedo terapêutico instrucional e ressaltam que o uso do brinquedo pelo enfermeiro é recomendado e regulamentado pelo Conselho Federal de Enfermagem, por meio da Resolução no295/2004 que reza em seu artigo 1º: "compete ao enfermeiro que atua na área pediátrica, enquanto integrante da equipe multiprofissional de saúde, a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico, na assistência à criança e família".

E também importante ressaltar que é de responsabilidade da enfermagem a higienização dos brinquedos que são compartilhados entre as crianças no contexto hospitalar, como Freitas et al. (2007) e Cardoso, Corrêa e Medeiros (2005) mostram nos artigos, evitando as infecções cruzadas obtidas pela contaminação de superfícies e objetos em comum.

Brito et al. (2009) e Medeiros et al.(2009) concordam ao relatarem que, apesar da necessidade da prática do brinquedo terapêutico, está técnica ainda é pouco empregada no processo de prestação de assistência à criança nos serviços de saúde.

Conclusão

A análise dos artigos selecionados, evidencia apesar das diferenças entres os focos utilizados, que os autores confirmam que a brincadeira em ambiente hospitalar é de extrema importância, independente do tipo de atividade lúdica desenvolvida tendo um papel fundamental em minimizar os sofrimentos e traumas criados na hospitalização, podendo ser utilizado como conforto emocional, compreensão de um procedimento a ser realizado ou até simplesmente a recreação.

Ressaltam que a atividade lúdica realizada no ambiente hospitalar, estabelece um elo de segurança entre a criança e a equipe de enfermagem e/ ou multiprofissional, diminuindo o estresse da hospitalização e criando um ambiente humanizado.

Dos resultados obtidos, verifica-se que o assunto, apesar da importância, não tem a devida

expressividade, em comparação a outros temas de igual relevância, pelos profissionais atuantes nessa área.

Aparentemente o que se estabelece e que as atividades lúdicas apesar de estarem disponíveis nos hospitais poucos profissionais as aplicam com as crianças e que a maioria dos artigos utilizados onde se foi estudado a eficácia e a efetividade desse recurso terapêutico, foram os próprios autores que desenvolviam as atividades lúdicas, poucos foram os artigos onde já haviam atividades lúdicas sendo realizadas pela instituição e seus funcionários.

Após a realização deste estudo espera-se que o mesmo possa contribuir para uma conscientização sobre a importância do tema visando um atendimento de maior qualidade na unidades pediátricas.

Referências

- BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem – COFEN. Resolução COFEN - 295/2004, de 24 de outubro de 2004. Dispõe sobre a utilização da técnica do brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo enfermeiro na assistência à criança. Rio de Janeiro: COFEN; 2004. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/node/4331> Acesso em 15/06/2011
- BRITO, T. R. P. et al. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro. Escola Anna Nery, Vol.13 nº.4, 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n4/v13n4a16.pdf> acesso em 05/04/2010.
- CARDOSO, M. F. S.; CORRÊA, L.; MEDEIROS, A. C. T. A Higienização dos Brinquedos no Ambiente Hospitalar. São Paulo. Prática Hospitalar, Nº 42, 2005. Disponível:<http://www.praticahospitalar.com.br/praticic%2042/pgs/materia%2029-42.html> acesso em 29/07/2011
- CARVALHO, A. M.; BEGNIS, J. G. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. Maringá, Paraná. Psicologia em Estudantes, Vol. 11, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a13.pdf> acesso em 02/10/2010.
- CALDIN, C. F. Biblioterapia para Crianças Internadas no Hospital Universitário Da UFSC: Uma Experiência. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, nº14, 2002. Disponível: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/258/5225> acesso em 08/08/2010.

- FREITAS, A. P. C. B. et al. Brinquedos em uma brinquedoteca: um perigo real? Franca, São Paulo. Revista Brasileira de Análises Clínicas, vol. 39:291-294,2007.
Disponível:http://www.sbac.org.br/pt/pdfs/rbac/rbac_39_04/rbac_39_04_12.pdf acesso em 29/07/2011.
- FROTA, M. A. et al. O lúdico como instrumento facilitador na humanização do cuidado de crianças hospitalizadas. Fortaleza, Ceará. Cogitare Enfermagem, Vol. 12, nº 1, 2007.
Disponível:
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/8270/5781> acesso em 05/04/2010.
- KICHE, M. T.; ALMEIDA, F. A. Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças. São Paulo. Acta Paulista de enfermagem, Vol. 22, 2009. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a02v22n2.pdf> acesso em 21/08/2010.
- LEITE, T. M. C.; SHIMO, A. K. K. O brinquedo no hospital: uma análise da produção acadêmica dos enfermeiros brasileiros. Rio de Janeiro. Escola Anna Nery, Vol.11 nº2, 2007. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a25.pdf> acesso em 26/09/2010.
- MARTINS, M. R. et al. Protocolo de Preparo da Criança Pré-Escolar para Punção Venosa, com Utilização do Brinquedo Terapêutico. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol.9, nº2, Ribeirão Preto, 2001. Disponível:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000200011&tlng=pt acesso em 19/04/2001.
- MEDEIROS, G. et al. Brinquedo terapêutico no preparo da criança para punção venosa em pronto socorro. São Paulo. Acta Paulista de enfermagem, Vol. 22, 2009.
Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22nspe/13.pdf> acesso em 21/08/2010.
- MELO, L. L.; VALLE, E. R. M. A Brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial. Revista Escola Enfermagem USP, 2010. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/39.pdf> acesso em 08/04/2011.
- MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. Ciência & Saúde Coletiva, vol.12 nº5, Rio de Janeiro, 2006. Disponível:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500025&lng=en&nrm=iso&tlng=pt acesso em 12/04/2011.
- MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, 9(1):147-154, 2003. Disponível:
<http://www.scielo.org/pdf/csc/v9n1/19832.pdf> acesso em 08/04/2011.
- MORAES, M. C. A. F.; BUFFA, M. J. M. B.; MOTTI, T. F. G. As atividades expressivas e recreativas em crianças com fissura labiopalatina hospitalizadas: visão dos familiares. Revista Brasileira de Educação Especial, vol.15, nº3, Marília, 2009. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v15n3/a09v15n3.pdf> acesso em 19/04/2011.
- MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. Brincar no Hospital: Estratégia de Enfrentamento da Hospitalização Infantil. Psicologia em Estudo, Maringá, Vol. 9, nº 1, p. 19-28, 2002. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a04.pdf> acesso em 28/10/2010.
- PEDROSA, A. M. et al. Diversão em movimento: um projeto lúdico para crianças hospitalizadas no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Materno Infantil Prof. Fernando Figueira, IMIP. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, 7 (1): 99-106, 2007. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v7n1/a12v07n1.pdf> acesso em 10/08/2010.
- RIBEIRO, C. A.; ANGELO, M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. São Paulo. Revista da Escola de Enfermagem da USP, Vol. 39, nº 4, 2004. Disponível:
<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v39n4/03.pdf> acesso em 26/09/2010.
- SCHMITZ, S. M.; PICCOLI, M.; VIERIA, C. S. A criança hospitalizada, a cirurgia e o brinquedo terapêutico: uma reflexão para enfermagem. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 2, n. 1, p. 67-73, 2003. Disponível:
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/5570/3542> acesso em 07/04/2011.
- WONG, Donna L. WHALEY & WONG, Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.